



20 maio 2018 | ano 44 | pentecostes | 2063

A PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA AJUDA (Porto) celebrou no dia 28 de janeiro de 1973 a sua ereção em forma canónica definitiva, sob a presidência do bispo ANTÓNIO FERREIRA GOMES.

Na homília que proferiu o bispo fez o ponto da pastoral diocesana e apontou alguns rumos, em ordem a novas jornadas na vida da Igreja.

COMUNIDADES ESPONTÂNEAS E NATURAIS . CRISE DA PARÓQUIA SOB A RAJADA DO URBANO . IGREJA DE ESTATURA HUMANA E AS COMUNIDADES DE BASE . RENOVAÇÃO DA PARÓQUIA TRADICIONAL . PASTORAL DO FUTURO NA QUAL O PADRE É SERVIDOR E ALMA DA COMUNIDADE . A MAIORIA DAS COMUNIDADES CRISTÃS .

**é tempo
de pastoralmente mudar**

Celebramos neste momento a ereção em forma canónica definitiva desta paróquia de Na. Sa. da Ajuda, como centro pastoral desta «cidade nova» que está surgindo no sítio que se denominou da Pasteleira.

Este facto, que se insere na sequência de decisões canónicas da mesma natureza, verificadas no ano de 1972 em relação a zonas orientais da cidade - novas paróquias de S. Pedro de Azevedo e da Senhora do Calvário - e ao qual outros se seguirão nesta forma definitiva, enquanto por outro lado se processam fenómenos de evolução demo-religiosa, reconhecidos como início de novas autonomias religiosas, quais a paróquia experimental de Cristo Rei na Vergada - essa tão tenaz e empoladamente quão vazia e falsamente discutida paróquia, e discutida por motivos que não interessam à Igreja - bem como outras em perspectiva nesta cidade e subúrbios, convida-nos a debruçarmo-nos um pouco sobre a história recente da Diocese e a fazermos o ponto da nossa navegação, em ordem a novas jornadas.

Comunidades espontâneas e naturais

Há uns quinze ou dezasseis anos esboçava-se nesta Diocese um programa de estruturação e ação pastoral, no qual se incluía sistematicamente a criação de novas freguesias religiosas onde a evolução demográfica as mostrasse necessárias. Essa orientação e doutrina pastorais baseavam-se nas ideias então correntes, conforme os pastoralistas e eclesiólogos que pelo assunto mais se interessavam, dos quais me permito lembrar o professor de filosofia e sociologia RELIGIOSA Paul Winninger, que preferencialmente se interessava e continua a interessar-se por estruturas pastorais e serviços ministeriais na Igreja católica e designadamente em França.

Base e princípio de todas as considerações e opções era a norma evangélica de que o pastor deve conhecer as suas ovelhas e chamá-las pelo seu nome. De acordo com essa norma, como cada pároco não poderá conhecer nominalmente mais que umas mil famílias, as paróquias não deveriam exceder, no máximo, os cinco mil habitantes. Para isso, pois, tendíamos, sem ignorar quer a impossibilidade, já então reconhecida, de chegarmos em toda a Diocese a esse fracionamento, quer as razões particulares que levariam a manter

ou a reconhecer o direito de virem à vida comunidades menores.

Passaram-se os anos, deu-se o Concílio, aconteceu a deserção de bastantes clérigos e o forte decréscimo da população dos seminários. Em sentido contrário, verificou-se um crescimento do conceito do povo cristão, da dinâmica de grupos, das comunidades de base, da assembleia eucarística, do sacerdócio universal, etc. A sociologia religiosa prestou maior atenção à mutação sociocultural dos tempos e às tendências para a associação em grupos de dimensão humana: esta dimensão humana que levou a pensar, como condição de autenticidade, nas relações interpessoais ou intrafamiliares, em comunidades menores a que se deu mesmo nome próprio, como *demos* ou *isolats*, comunidades espontâneas e naturais, que a sociologia não fez mais que descobrir.

Esses *isolats*, entre a gente mesmo deste nosso tempo de tão fáceis contactos e comunicações, constam apenas de algumas centenas, raramente de milhares de pessoas. É mesmo importante e ao mesmo tempo extremamente curioso notar que essas sociedades menores são menos amplas nos meios urbanos que nos rurais. Como fez ver Robert Ardrey, sociólogo inglês, um estudo das estatísticas matrimoniais em França revela o paradoxo de que nas regiões montanhosas tais *isolats*, são

em média de aproximadamente 1.100 pessoas, enquanto que em Paris, onde seriam de esperar as mais largas misturas, os *isolats*, andam por umas 900 pessoas. E foi precisamente a partir dos fenómenos do urbanismo que psicossociólogos, como Mc Luhan, falaram da natureza tribal do homem, não sendo cada *tribu* de mais dum as quinhentas pessoas.

Crise da paróquia sob a rajada do urbano

Foi um sociólogo inteiramente laico, René Lourau, quem escreveu: - «A sociologia começou a interessar as autoridades eclesíásticas no momento em que se manifestou a **crise da paróquia** como instituição territorial de base. Esta crise, ligada mais amplamente à explosão urbana, aos reajustamentos das relações cidade-campo, à revolução industrial, é também uma crise social que transborda largamente para além do aspeto religioso.

Desta justa observação se poderia concluir, mais uma vez que a chamada crise da Igreja não é, originária ou frontalmente, uma crise religiosa, mas a nós, neste momento, interessa-nos particularmente o aspeto religioso. Isto, porém, sem esquecer nem obscurecer a perspectiva sociológica e os referidos fatores de crise civilizacional, no seu

influxo sobre a mutação religiosa que se impõe e a que nos vamos adaptando. Para nós, ao menos para alguns de nós, vai ficando para trás o tempo em que um Durkheim tinha de defender-se de fazer da sociologia «uma máquina de guerra contra a religião» e em que tais interesses sociológicos mostravam «um forte odor de apostasia» (Bernanos), já que a Igreja parecia ter pedido «a chave da linguagem dos homens» e o cristão aparecia como «um alienado no mundo, que fala sem ser compreendido e crê que todos os outros são tolos» (Mounier).

Consideramos, pois, o aspeto religioso da socialização do homem e do seu *habitat*, mas à luz da sociologia geral de hoje. E essa ciência em germe diz-nos, pela palavra do psicossociólogo já citado, R. Lourau, que «nesta transformação da ecologia e da sociologia tradicionais, a paróquia flutua como rolha de cortiça sobre a vaga». E este não é um fenómeno apenas do mundo católico. «Como a igreja romana, as igrejas reformadas são profundamente abaladas pela revolução urbana. Uma segunda Reforma está em processo de efetivação, sem nenhum Lutero ou Calvino, mas sob a rajada do urbano».

Igreja de estatura humana e as comunidades de base

É nestas condições que uma Igreja, que se sente missionária, que tem o mandato deste mundo de hoje como ele é, que se sente «pequeno rebanho, assembleia convocada e convocante, com missão principalmente de converter e cristianizar os «cristãos» ou, na alternativa, de «passar aos bárbaros», essa Igreja ensaia novos caminhos de acesso às inteligências e corações deste tempo, a nova linguagem no diálogo com o homem de hoje e os novos métodos da inserção da graça na natureza deste mundo, que se quer personalizado e de dimensões humanas na socialização das estruturas e mentalidades. É assim que um dos mais interessados obreiros desta Igreja de estatura humana, o Pe. Jacques Loew, que lançou as suas equipas sacerdotais nessa borbulhante caldeira de experiências que é o Brasil, escreve em prefácio ao livro do seu colaborador Pe. Domingos Barbé - «Amanhã, as Comunidades de base são justamente os primeiros órgãos da Igreja, células do corpo místico, essas igrejas em abreviatura, mas de vida intensa onde todos se conhecem, onde se vive a fé juntamente, onde se ama concretamente um ao outro, onde cada um escuta viver o todo». E reduz finalmente o ideal da comunidade à promessa de Jesus de estar presente «onde quer que três ou quatro se reúnam em seu nome»; no concreto da comunidade a ser cri-

ada, pensam essas equipas sacerdotais na dimensão da dezena como elemento motor e da centena como comunidade de base

Renovação da paróquia tradicional

Estas realidades novas, qualquer que seja o futuro de cada tentativa, obrigam a repensar as soluções havidas por normais e pressupostas até há uma dúzia de anos. O próprio Pe. Paul Winninger, sociólogo e eclesiólogo a quem já nos reportamos, reconhece hoje que que a paróquia tradicional continua a ser uma estrutura territorial válida e eficaz, «desde que sofra a reforma do benefício em serviço, quer dizer, o desmembramento em pequenas unidades de estatura humana, o fim da autarcia, a integração numa pastoral de conjunto, servida por sacerdotes igualmente retribuídos e ativos» - «um novo enquadramento ministerial e novas formas de comunidade: é este o projeto pastoral essencial». E, referindo-se às experiências e esforços que, desde 1945, aceitaram encarar a França «como país de missão», diz mesmo, com uma radicalidade a que não podemos aderir por inteiro, hoje mesmo, e a que ele próprio parecia estranho há dúzia e meia de anos: - «o Direito canónico, cioso defensor da independência paroquial, quer dizer, benefici-

al, revelou-se contrário a tais projetos... quando muito não proibiu a pastoral de conjunto». E comenta hoje, com a mesma radicalidade novo: - «Na realidade o código agonizava ao nascer, desfasado».

Pastoral do futuro na qual o padre é servidor e alma da comunidade

Isto foi escrito há uns três anos e meio. Hoje já não o poderia repetir no mesmo tom. Sabemos que o Direito canónico está em revisão ativa, e sabemos sobretudo, que, quanto às Ordens e Ministérios, o motu-próprio *Ministeria quaedam* liquidou muitos séculos de história, reconheceu a situação numérica presente do sacerdócio ministerial como facto, se não mesmo como sinal de Deus, e abriu novas, amplas e exigentes perspectivas a toda a pastoral do futuro. Para isso, muita coisa haverá a criar, muita outra a desfazer ou desmontar: refazer, em sentido inverso, o processo concentracionário, pelo qual «pouco a pouco, principalmente nas paróquias, o chefe ou presidente acaba por açambarcar todas as funções: é o sistema do homem só». Deste sistema do homem só, do presbítero que unia em si todas as «ordens», com todos os «poderes», desde a prima tonsura até ao diaconado - unia e, portan-

to, impedia e eliminava – tem de suceder a figura do sacerdote como servidor e alma da comunidade: e a alma é quem tudo anima, mas que não se vê, é o que está em todo o corpo e, por isso, em parte nenhuma do corpo. A paróquia futura terá de contar, ao lado do pároco, com o diácono geralmente saído da comunidade, com os leitores, acólitos e porventura outros ministros da própria comunidade; e isto não só num centro, mas em todos os núcleos de vida. A paróquia assim se tornará viva, adulta, não-colonial e responsável: comunidade de comunidades. E, como toda a comunidade, para ser Igreja, tem de ser ao fim e ao cimo assembleia eucarística, o sacerdote terá de ser missionário e a Eucaristia terá de ser revalorizada como factio solene, presença essencial-escatológica do Espírito de Cristo e Reserva eucarística...

A maioria das comunidades cristãs

Tudo isto vai pedir uma profunda mutação, mutação das mentalidades e das estruturas. Não vamos aqui evidentemente estudar esse futuro, que tem de ser longo, como execução, mas que, como necessidade de vida pastoral e como desafio à imaginação prospetiva, é já o presente da Igreja.

Apenas diremos que, ao criar-

mos novas paróquias em forma experimental ou definitiva não pensamos que tudo está feito; tão pouco que essa criação se deva traduzir principalmente na instalação de novos centros burocráticos ou na construção de grandes igrejas e salões paroquiais, que devam absorver o melhor da atividade dos presbíteros; nem sequer pensamos que a cada autonomia religiosa se haja sempre de assegurar o seu próprio pároco residente. Com a facilidade de comunicações e com a mobilidade que é ainda geralmente mais fácil ao pároco do que ao paroquiano médio, poderá pensar-se no padre disponível e missionário, com residência ativa ou assistência pessoal em sucessivos locais de trabalho, mas em convivência de vida, reflexão e planificação com os colegas da mesma zona. Mas, para isso, é preciso que as comunidades cristãs cresçam até à maioridade; e, também para isso, que os «campanários», com as suas rivalidades e pequenices, desçam até ao nível do bem comum eclesial e da fraternidade institucional. Como condição prévia, que das «questões de campanário» só se ocupem os cristãos que vão ao templo; e que esses pensem e aceitem o culto de Deus em espírito e verdade ou, por outras palavras também evangélicas, que, como o sábado, também o templo seja por causa do homem e não o homem por causa do templo.

É tempo de pastoralmente mudar

Ao terminar estas considerações, queria ainda dizer que, tentando marcar assim o ponto à evolução pastoral que o tempo da Igreja em geral e da nossa Diocese particularmente nos pede, neste agora de Deus que nos coube viver, tenho muito gosto em que tal tomada de posição seja neste lugar e no meio deste povo em fazer-se comunitário, lembrando as palavras que, além no Bairro Rainha Dona Leonor e por ocasião da sua inauguração solene proferi, a pedir um serviço social e cultural que pudesse evitar que o «espírito da ilha» se transferisse também para aquelas moradias tão airosas e bem situadas, palavras que se algum bem produziram a favor do povo, como parece, não o foi tanto, infelizmente, em benefício dos moradores daquele bairro, como o lamenta o vosso Pároco.

Ao inaugurar hoje em forma canónica definitiva esta paróquia de Na. Sa. da Ajuda, como no decurso do ano passado as duas da zona oriental da cidade, eu não posso furtar-me à impressão de que algo de novo se está processando no grande plano da Igreja e da sua pastoral. A Igreja foi urbana ou citadina, no seu princípio: a

comunidade diocesana, à volta do seu bispo com o seu presbitério, centrava-se na cidade, com eventuais e esporádicas irradiações para o campo. Condições históricas mesmo se verificaram das quais resultou que os seguidores dos cultos pré-cristãos foram chamados pagãos, isto é, campónios. A seguir à grande migração dos povos, tudo mudou: com o desaparecimento das cidades, a civilização tornou-se rural, e os que se apegavam ao que restava ou reaparecia das cidades foram mesmo chamados vilões.

Ora, a restauração das cidades e o progresso da civilização urbana, depois dos mil anos medievais, vai já contando seis ou sete séculos. É tempo de pastoralmente mudar: e, agora, ou mudamos ou seremos os novos pagãos, a caminho igualmente do fim. Pois bem, nestas paróquias tão mescladas, mas de evidente predomínio popular, com o seu «pequeno rebanho» de cristãos novos, quase que temos a antevisão duma Igreja diocesana que seja principalmente uma determinada Igreja de Deus que está no «grande Porto», com prolongamentos, cada vez mais urbanos, em toda a área diocesana. Que, na mutação, se perca o menos possível; mas que assim seja, cada vez mais e melhor!...



da Exortação Apostólica
EVANGELII NUNTIANDI
do Papa Paulo VI,
(8/12/1975), § 58.

comunidades eclesiais de base

58. O Sínodo ocupou-se largamente destas "pequenas comunidades" ou "comunidades de base", dado que, na Igreja de hoje, elas são frequentemente mencionadas. O que vêm a ser tais "comunidades" e por que é que elas hão de ser destinatárias especiais da evangelização e ao mesmo tempo evangelizadoras?

Florescentes mais ou menos por toda a parte na Igreja, a ater-nos ao que sobre isso se disse em vários testemunhos ouvidos durante as sessões do último Sínodo, essas comunidades diferem bastante entre si, mesmo dentro duma só região, e, mais ainda, de umas regiões para outras.

Assim, nalgumas regiões, elas brotam e desenvolvem-se, salvo algumas exceções, no interior da Igreja, e são solidárias com a vida da mesma Igreja e alimentadas pela sua doutrina e conservam-se unidas aos seus pastores. Nesses casos assim, elas nascem da necessidade de viver mais intensamente ainda a vida da Igreja; ou então do desejo e da busca de uma dimensão mais humana do que aquela que as comunidades eclesiais mais amplas dificilmente poderão revestir, sobretudo nas grandes metrópoles urbanas contemporâneas, onde é mais favorecida a vida de

massa e o anonimato ao mesmo tempo. Elas poderão muito simplesmente prolongar, a seu modo, no plano espiritual e religioso o culto, o aprofundamento da fé, a caridade fraterna, a oração, comunhão com os Pastores e a pequena comunidade sociológica, a aldeia, ou outros similares. Ou então elas intentarão congregar para ouvir e meditar a Palavra, para os sacramentos e para o vínculo da ágape, alguns grupos que a idade, a cultura, o estado civil ou a situação social tornam mais ou menos homogêneos, como por exemplo casais, jovens, profissionais e outros; ou ainda, pessoas que a vida faz encontrarem-se já reunidas nas lutas pela justiça, pela ajuda aos irmãos pobres, pela promoção humana etc. Ou, finalmente, elas reúnem os cristãos naqueles lugares em que a escassez de sacerdotes não favorece a vida ordinária de uma comunidade paroquial. Tudo isto, porém, é suposto no interior de comunidades constituídas da Igreja, sobretudo das Igrejas particulares e das paróquias. Noutras regiões, ao contrário, agrupam-se comunidades de base com um espírito de crítica acerba em relação à Igreja, que elas estigmatizam muito facilmente como "institucional" e à qual elas se contrapõem como comunidades carismáticas, libertas de estruturas e inspiradas somente no Evangelho. Estas têm, portanto, como sua característica uma evidente atitude de censura e de rejeição em relação às expressões da Igreja, quais são a sua hierarquia e os seus sinais, elas contestam radicalmente esta Igreja. Nesta linha, a sua inspiração principal bem depressa se torna ideológica e é raro que elas não sejam muito em breve a presa de uma opção política, de uma corrente e, depois, de um sistema, ou talvez mesmo de um partido, com todos os riscos que isso acarreta de se tornarem instrumentos dos mesmos.

A diferença é já notável: as comunidades que pelo seu espírito de contestação se separam da Igreja, da qual prejudicam a unidade, podem muito bem denominar-se "comunidades de base", mas em tais casos há nesta terminologia uma designação puramente sociológica. Elas não poderiam, sem se dar um abuso de linguagem, intitular-se comunidades

eclesiais de base, mesmo que elas, sendo hostis à hierarquia, porventura tivessem a pretensão de perseverar na unidade da Igreja. Essa designação pertence às outras, ou seja, àquelas que se reúnem em Igreja, para se unir à Igreja e para fazer aumentar a Igreja.

Estas últimas comunidades, sim, serão um lugar de evangelização, para benefício das comunidades mais amplas, especialmente das Igrejas particulares, e serão uma esperança para a Igreja universal, como nós tivemos ocasião de dizer ao terminar o Sínodo, à medida que: que elas procurem o seu alimento na Palavra de Deus e não se deixem enredar pela polarização política ou pelas ideologias que estejam na moda, prestes para explorar o seu imenso potencial humano evitem a tentação sempre ameaçadora da contestação sistemática e do espírito hipercrítico, sob pretexto de autenticidade e de espírito de colaboração; permaneçam firmemente ligadas à Igreja local em que se inserem, e à Igreja universal, evitando assim o perigo, por demais real, de se isolarem em si mesmas, e depois de se crerem a única autêntica Igreja de Cristo e, por consequência, perigo de anatematizarem as outras comunidades eclesiais; mantenham uma comunhão sincera com os Pastores que o Senhor dá à sua Igreja, e também com o Magistério que o Espírito de Cristo lhes confiou; jamais se considerem como o destinatário único ou como o único agente da evangelização, ou por outra, como o único depositário do Evangelho; mas, conscientes de que a Igreja é muito mais vasta e diversificada, aceitem que esta Igreja se encarna de outras maneiras, que não só através delas; elas progridam cada dia na consciência do dever missionário e em zelo, aplicação e irradiação neste especto; elas se demonstrem em tudo universalistas e nunca sectárias.

Com estas condições assim, exigentes sem dúvida alguma, mas exaltantes, as comunidades eclesiais de base corresponderão à sua vocação mais fundamental; de ouvintes do Evangelho que lhes é anunciado e de destinatárias privilegiadas da evangelização, próprias se tornarão sem tardança anunciadoras do Evangelho.

os pobres e os pecadores, predileção de Jesus

A Eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um generoso remédio e alimento para os fracos, diz Francisco, bispo de Roma.

SÃO OS FRACOS E OS PECADORES AQUELES QUE TÊM MAIS NECESSIDADE DO CORPO E DO SANGUE DE CRISTO. A Eucaristia foi, na história, capturada por cristãos que se autoconsideravam justos, como os fariseus do tempo de Jesus. Ficou ligada a um sacramento mal interpretado, que apagava, facilmente, os pecados, e dava "boa consciência" ao beatério, situação contra a qual se ergueu, cheio de ira, George Bernanos (*La grande peur des bien-pensants*, 1931).

Entretanto, a Eucaristia deveria, antes de tudo, ser fonte de consolo e misericórdia para os caídos, os fracos, os últimos, os pobres. Nas missas vemos filas de pessoas a comungar, muitas delas automeando-se bons fiéis, tranquilos na sua mediocridade espiritual. Ficam de fora, por insegurança, ameaças ou medo, os que têm fome e sede de reconhecimento, os marginais, tantos casados de novo, casais gays discriminados, os desaposados de tudo o que é considerado aceitável pela cultura hegemônica e pelos poderosos. Quantas vezes são enxotados dos templos, onde existe, à frente, uma cadeira cativa para o rico da parábola, eles, os pobres lázaros que, lá ao fundo, tentam esgueirar-se, com receio de serem expulsos pelos guardiães desses mesmos templos (Lc 16, 19-31). E pensar que foi, principalmente, para eles que Jesus "se aniquilou" (se esvaziou a si

mesmo) da sua condição de Filho de Deus (Fl 2:5-7), para os amar com amor de predileção.

Atenção, **receber a Eucaristia não é um ato individual, mas, já na própria expressão tradicional, é designado como comunhão, isto é, integra-se na vida de uma comunidade cristã que deve estar mergulhada no mundo, na preparação coletiva do Reino.** Ela deverá ser alimento e, ao mesmo tempo, sinal luminoso e candente de um processo de libertação, enfrentando o pecado social das estruturas, como ensinou o *Documento dos Bispos em Puebla* (1979, nº 28); hoje enfrenta um desafio a vencer: a dominação implacável do capitalismo predador.



Em 1955, durante o *Congresso Eucarístico Internacional*, fiz uma palestra na ABI do Rio, no ardor dos meus dezanove anos, tendo como tema: “*O papel*

social da Eucaristia”. Nele citava Jorge de Lima: “Porque o sangue de Cristo jorrou sobre os meus olhos, a minha visão é universal”. E, em seguida, Paul Claudel: “*Esta manhã comemos na Casa do Pai. Eis diante de mim todos os patriarcas e santos, as doze tribos de Israel*”.

Francisco diz que a Eucaristia não é um prêmio para os que se consideram perfeitos, mas um remédio salvífico para os fracos e os pecadores. Neste grupo nos poderemos também incluir, se renunciarmos à posição farisaica de nos proclamarmos justos, reconhecendo-nos nas nossas misérias, e tentando, deste modo, assumir - missão quase impossível - a condição de pobres e desvalidos. *Miserere nobis*.

Luiz Alberto Gómez de Souza. Sociólogo.